

## O IDIOMATISMO COMO LUGAR DE REFLEXÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA<sup>1</sup>

Flamínia Manzano Moreira LODOVICI

**Resumo:** Esta investigação aborda a natureza da questão idiomática e a relação que, por meio dela, reclama reflexão: o jogo entre o universal do funcionamento lingüístico e as manifestações singulares de fala. A análise deixa ver que o idiomatismo é mesmo um fato de língua: resulta de um jogo combinatório no qual se configura seu efeito de unidade, e delimita-se no fluxo da fala “em ato”. Não se pode propriamente prever seu sentido antes que ele se atualize numa determinada fala. A hipótese é a de que “expressões idiomáticas” se comportam como outras quaisquer no sistema: elas também estão sujeitas a operações de composição/recomposição que renovam seu modo de fazer presença nos dizeres. Mesmo em se levando em consideração que sentidos relativos a enunciados idiomáticos podem se estabilizar no uso, o que importa é que estabilização não é sinônimo de fixidez. A investigação indica que essas “formas de significar” comportariam duplo sentido. A princípio, a tendência deste trabalho foi tomar essa característica como diferencial dos outros elementos da língua. Mas o que se impõe é reconhecer que esse é mesmo o destino de todo o dizer. Por fim, o idiomatismo exhibe uma diferença, uma extravagância que parece vincular-se à sua natureza essencialmente metafórica que, por sua vez, responde pela produção de um, muitas vezes, inesperado efeito significativo.

**Palavras-chave:** idiomatismo; idiomaticidade; Idiomatologia.

**Abstract:** *The purpose of this study is to approach the nature of the idiomatic issue and the relation that requires reflection: the play between the universal aspect of linguistic functioning and the unique manifestations of speech. This analysis allows you to see that idioms are actually a speech fact; they result from a combinatory play in which their unity effect is configured and bound in the speech flow in actu [en actel/in act]. Their meaning cannot be foreseen before they are materialized in a specific speech. The hypothesis is that “idiomatic expressions” behave like any others in the system: they are also subject to composition / recomposition operations which renew the manner in which they are present in the utterances. Even if we consider that senses concerning idiomatic utterances can be stabilized in usage, what really matters is that stabilization is not synonymous with immutability. Research shows that such forms of meaning attribution allow for double meaning. At first, this*

---

<sup>1</sup> Este trabalho resulta de tese de Doutorado de mesmo título em Lingüística, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, no IEL/Unicamp, em fevereiro/2007.

*study was inclined to consider this as a distinguishing feature with respect to the other features of speech. But what must be acknowledged is that all utterances have the same fate. Finally, idioms show a difference, an extravagancy that seems to be linked to their essentially metaphorical nature which, in turn, is responsible for the production of a, very often, unexpected signifying effect.*

**Key words:** *idioms; idiomaticity; Idiomatology.*

0. Este trabalho incide sobre uma das mais tradicionais e pro-saicas “formas de significar”, que transita na linguagem cotidiana, qual seja, a *expressão idiomática*, *idiomatismo* ou *frase-feita*, que esta investigação pretende problematizar, justo porque diz muito, a meu ver, da relação língua-fala-falante. Partindo da leitura de alguns estudos voltados à temática – da Fraseologia, Paremiologia e Idiomatologia – e instigada pela singularidade manifesta nessa “forma de significar” é que empreendi esta pesquisa. Cabe assinalar que os idiomatismos emergem na fala oral e/ou escrita e suscitam questões relativas à sua delimitação, sua complexidade formal e os efeitos de sentido que produzem. Objetiva, pois, este estudo abordar a *natureza idiomática* e a *relação* que, por meio dela, reclama reflexão: o jogo entre o universal do funcionamento lingüístico (Saussure, 1916/1970) e as singularidades das manifestações idiomáticas.

#### I. IDIOMATISMO: SOBRE SUA ABORDAGEM NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Aqui, o que chama mesmo a atenção é o fato de os estudos idiomáticos/fraseológicos girarem em torno de um vértice comum, qual seja: forma-fixa e sentido único.

Os idiomatismos seriam, nessa perspectiva, um lugar privilegiado para deixar ver a correlação simétrica/biunívoca forma-sentido. Essa abordagem dominante nos estudos lingüísticos modernos se consubstanciou no modelo conhecido como *semântico* (muitas vezes, *semântico-sintático*), tanto nos EUA, quanto na Europa. Aliás, a pertinência da investigação dos idiomatismos no campo dos estudos lingüísticos foi primeiramente problematizada em função de seu dito caráter de excepcionalidade e irregularidade, o que foi refutado por Danlos (1981) e Gross (1981) a partir

de dados quantitativos. Cabe notar, ainda, que a Fraseologia brasileira já constatou a existência de cerca de 12-15 mil unidades idiomáticas.<sup>2</sup> Esse número, considerado elevado, ocorrente em várias línguas, levou Danlos a afirmar que “ignorar estas construções significa ignorar uma boa parte da linguagem” (1981: 63)<sup>3</sup>, assinalando a necessidade de um estudo mais detalhado que examine, p.ex., em que medida tais formas obedecem, ou não, a regras de caráter mais geral. Passos nesta direção, contudo, já haviam sido dados tanto na lingüística européia, como na norte-americana. Pode-se dizer que a Fraseologia - campo dos estudos idiomáticos na Europa - teve suas bases assentadas na lingüística russa, na segunda metade do séc. dezenove (cf. Klare, 1986), com Potebnja, Fortunatov e Sachmatov.

Deve-se, porém, lembrar que a questão idiomática não escapara a Saussure, o pai da Lingüística Moderna: “há [...] um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases-feitas [*locutions toutes faites/ready made utterances*], nas quais o uso proíbe qualquer modificação...” (CLG: 1916: 144). Uma anotação feita por Saussure, trazida à luz na edição crítica do *Curso*, de Engler (1967: 284), diz: “Há entre outras toda uma série de frases que são *frases-feitas* pela língua”.<sup>4</sup> Saussure reconhece, então, a categoria das *frases-feitas* como fazendo parte da língua, no seu binômio língua/fala. Tais considerações se desdobraram no trabalho de Bally (1902), discípulo de Saussure: *Traité de stylistique française*, no qual se fala, pela primeira vez, de *Phraséologie* para “[...] abarcar o conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar, de um lado aos agrupamentos usuais ou séries fraseológicas e, por outro, de unidades fraseológicas”.<sup>5</sup> Assim, expressões como “*saco sem fundo*” foram abordadas no âmbito de sua força metafórica e de sua pertinência à “linguagem familiar e [...] [das] relações

<sup>2</sup> Cf. Schemann, *apud*: Klare (1986: 357).

<sup>3</sup> “Ignorer ces constructions revient à ignorer une bonne partie du langage.” Danlos (1981: 63).

<sup>4</sup> “Il y a entre autres toute une série de phrases qui sont *toutes faites* pour la langue». (trad. minha). Engler (1967: 284).

<sup>5</sup> “[...] para abarcar el conjunto de fenómenos sintáticos y semánticos que dan lugar, por una parte a los *groupements usuels* o *séries phraséologiques* y, por otra, a las *unidades phraséologiques*.” Cf. C.Pastor (1996: 10) (tradução minha).

sociais estreitas e especiais entre [...] interlocutores” (*apud* Guiraud, 1954/1970: 76). Aliás, a noção de locuções fraseológicas de Bally foi decisiva para que a Fraseologia entrasse, nas décadas seguintes, na Lexicologia/Lexicografia russa e na dos países do Leste Europeu. Momento em que a Fraseologia foi assumida como área de investigação científica por norte-americanos e russos, sendo Bally (1902) considerado – por seus trabalhos que constituíram uma teoria fraseológica completa –, o pai da Fraseologia, inclusive em seu aspecto didático (cf. Corpas Pastor, 1996). Guiraud, na trilha aberta por Bally, fomentou tal investigação que ficou negligenciada na Europa ocidental e central até meados dos anos quarenta. A influência de Bally vai fazer-se notar especialmente na Fraseologia românica, em particular na do francês (cf. Militz, 1978). Uma teoria fraseológica mais consistente só foi criada (cf. Thun, 1978), depois de 1946, por Vinogradov, o clássico entre os fraseólogos soviéticos e por A.V. Isačenko, a partir de 1948, configurando a escola russa de Fraseologia, diversificada em estudos descritivos sincrônicos, contrastivos (inglês/italiano-russo) e históricos, a partir de 1956, em Leningrado (cf. Corpas Pastor, 1996:10). A seguir, os trabalhos de Cernyeva, Telija, Kunin e Sabitova ganharam notoriedade e foram sistematizados por lingüistas alemães, como Weinreich (1969), nas primeiras adaptações para o inglês. Dessa forma, a partir do final da década de sessenta, a Fraseologia se estabelece na Alemanha (Eckert, 1976; Häusermann, 1977; Thun, 1978; Burger, 1982; Klare, 1986; Higi-Wydler, 1989), quando, por meio deles, a produção fraseológica russa se estendeu a outras línguas européias (com Hausmann, 1979/1997; Gréciano, 1999; Corpas Pastor, 1996; os cubanos Carneado e Tristá Pérez, 1985; Coseriu, 1981...). Na Fraseologia espanhola, pioneiro é o trabalho de Casares (1950/1992, traduzido para o russo em 1958), que faz supor ter ele pautado as investigações russas (cf. Corpas Pastor, 1996:11). A seguir, o colombiano Zuluaga (1980) publica, em Tübingen (onde estava desde 1967), sua tese sobre as expressões fixas espanholas - no exclusivo manual de Fraseologia Espanhola até que C. Pastor (1996), publique o seu. Acrescentam-se as investigações de Ruiz Gurillo (1997-8) que, seguindo a classificação proposta por Wotjak (1983:63-7), e integrando aspectos morfológicos, sintáticos, lexicólogos, semânticos, pragmáticos e sócio-psicolingüísticos,

acrescenta às demais uma nova classificação fraseológica. Na Fraseologia francesa (à exceção dos mencionados Saussure, Bally e Guiraud), Séchehay, também discípulo de Saussure, em 1921, estabeleceu uma dicotomia entre locuções e compostos de palavras, conforme seus constituintes percam, ou não, a identidade semântica. Concomitantemente, Boer (1922) estabelece limites entre a sintaxe viva ou móvel e a sintaxe fixa ou locucional, indo de interjeições (*Soit!*), a nomes próprios compostos (*Châlon-sur-Marne*). Marçalo (1994), fraseóloga portuguesa, apresenta uma classificação dos fraseologismos focada no agrupamento por traços comuns. González Rey trabalha a Fraseologia lexicográfica, o que lhe permite a elaboração do *Dictionnaire des expressions et locutions* (1997). Galisson orienta sua Fraseologia para a Pedagogia (1976; 1984). E em perspectiva estruturalista e transformacionalista: M. Gross (1982; 86; 89) e G. Gross (1981; 88; 96).

Ressalte-se que esta sumária retrospectiva fraseológica revela-nos, nos estudos, uma *forte tendência descritivista*, com cada estudioso estabelecendo sua própria taxonomia fraseológica.

Recentemente, tem-se a questão idiomática discutida, no continente europeu, em perspectiva que, entendo, pode ser ilustrada pelas palavras de Luque Durán & Manjón Pozas: “[...]. Poder-se-ia dizer que os fraseologismos têm mais **carne e sangue** que as palavras normais e que estão muito mais diretamente integrados e vinculados a fenômenos culturais e ideológicos.” (1998: 43) (de minha tradução).<sup>6</sup> Verifica-se que esses autores dirigem uma crítica à teoria clássica, deixando ver que uma reflexão lingüística sobre a manifestação idiomática teria que incluir considerações a respeito do falante - “carne e sangue” - i.é, reconhecer, na dinâmica discursiva, a presença de um corpo. Isso porque o corpo humano seria a imediata referência que os indivíduos teriam para avaliar o mundo e nele avaliar-se. Dizem os cognitivistas que, em todas as línguas, existe uma estruturação de nossa experiência vinculada direto ao corpo e à maneira como este interage com o ambiente. A metáfora “carne e sangue” deve ser lida, portanto, no interior

---

<sup>6</sup> [...]. Podria decirse que los fraseologismos tienen *más carne y sangre* que las palabras normales y que están mucho más directamente integrados y vinculados a fenómenos culturales e ideológicos. (Luque Durán e Manjón Pozas, 1998).

do modelo teórico a que os autores se filiam: o biológico-cognitivista (ou cognitivista de base biológica).

Se esta panorâmica deixa ver o “estado da arte” na Europa, cumpre ressaltar que o campo dos estudos idiomáticos encontrou seus fundamentos, nos EUA, inicialmente no trabalho do dinamarquês Jespersen, em *The Philosophy of Grammar* (1924). Retomando a problemática do sintagma livre, ele reconheceu ao mesmo tempo, já nesse momento, a presença do sintagma fixo, unidade formulaica da fala coloquial, ao discutir sua função/papel na linguagem. Coube a ele a precedência ou a primazia de hipotetizar que os idiomatismos implicariam uma aquisição - e uso - “em bloco”, base para a proposição de que eles seriam “estruturas fixas” ou invariáveis do ponto de vista sintático-semântico. Esse entendimento que, pouco a pouco, tornou-se consensual entre os pesquisadores,<sup>7</sup> fundamentou-se na crença de que o idiomatismo corresponderia a uma entidade única, léxico-semântico-sintática. Assim, ao idiomático *bater as botas* corresponderia ‘morrer’. Há um pressuposto básico aqui: o de que aos constituintes idiomáticos não se aplica a análise gramatical. Assim, é que eles são destituídos de seu estatuto categorial (verbo, nome, artigo etc.). Como se vê, o idiomatismo é considerado, nessa linha, uma entidade que não dispõe de partes para a análise sintático-lexical. Suas propriedades colocam-se, desse modo, aquém do cálculo gramatical, ou seja, elas tornam-se impermeáveis a seu cômputo. O “bloco” idiomático é apenas suporte formal para um significado único, fixo, estável, atribuível àquele todo. Trabalhos representativos dessa posição são quase todos os que sucedem Jespersen, (Weinreich, 1969; Chafe, 1970; Fraser, 1970), sob perspectiva gerativo-transformacional;<sup>8</sup> Makkai (1972), sob o ponto de vista da gramática estratificacional. Todos eles partilham da concepção semântica assumida por Jespersen (1924), embora a paternidade se deva à tradição dos fraseólogos soviéticos (cf. revelam

<sup>7</sup> Ver também Bar-Hillel (1955); Alexander (1978; 1985); Barz (1992); Lopes Macário (1992); Hundt (1994); Dobrovol'skij (2005); Martins-Baltar (1995; 1997); Fleischer (1982); Kavka (1963); Becker (1993); Machado (1996); Pratt (1994); Cacciari (1988); Mejri (2003). No Brasil: Rodrigues Lapa (1945/79); Nascentes (1953/86); Pereira da Silva (1985); Tagnin (1987); Xatara (2001), dentre outros.

<sup>8</sup> Nesse momento da gramática gerativa, a transformação era conceito e operação fundamental.

Weinreich e Makkai).<sup>9</sup> A categorização de idiomatismos também realizada no interior do modelo semântico de Jespersen (1924), seguindo a fraseologia européia, é procedimento usual, adotado em trabalhos de estudiosos do tema no Brasil (cf. Tagnin, 1987; e Xatara, 2001). Os trabalhos de ambas representam um esforço de elaboração de dicionários contrastivos com outras línguas (inglês ou francês). A concepção semântica de Jespersen influenciou, ainda, a reflexão de Lehrer (1974) que retoma Fraser (1970), na sua hierarquia quanto a graus de congelamento dos idiomatismos: do mais congelado, aquele que não pode sofrer qualquer transformação, até aqueles que podem sofrer uma grande alteração. Note-se, porém, que a discussão encaminhada por Lehrer traz uma novidade: o reconhecimento de que a propagada fixidez dos idiomatismos não se sustenta plenamente, ou seja, também eles se abrem para deslocamentos de significado. Infelizmente, a autora não pôde ir além da constatação e encaminhar uma teorização alternativa na qual esse ‘achado’ ganhasse consistência teórica. Seus dados ficaram sem ressonância no conjunto da sua reflexão.

Bolinger (1976) apresenta, inicialmente, uma ratificação da proposta de Jespersen, afirmando que os “[...] os idiomatismos têm significados que não podem ser deduzidos dos significados de suas partes”.<sup>10</sup> Ele critica o prevalente “reducionismo” da gramática gerativa - a análise sintática e fonológica a partir de determinadas regras; a de palavras a partir de determinados morfemas; e a de significados a partir de determinados traços. Propõe-se a assumir, antes que um ponto de vista analítico, um ponto de vista idiomático. A linguagem, diz ele, contém um grande número de “pre-fabs” [*ready made utterances/locutions toutes faites*], armazenados pelo sentido, em cada nível. E ainda: “unidades lexicais maiores do que palavras... idiomatismos... dos quais as teorias reducionistas da linguagem não dão conta [...] um fenômeno largamente mais persuasivo do que imaginamos” (1976: 3).<sup>11</sup> Ele acrescenta que a aquisição e uso dos “blocos” inanalísáveis,

<sup>9</sup> Uma discussão mais estendida desses estudos encontra-se em minha tese de doutorado.

<sup>10</sup> “Idioms... have meanings that cannot be predicted from the meanings of the parts.” (Bolinger, 1976: 5) (tradução minha).

<sup>11</sup> “Lexical units larger than words... idioms... where reductionist theories of language break down... a vastly more persuasive phenomenon than we ever imagined.”

indivisíveis, de significado único, lembra uma ‘cápsula’ que armazenaria, numa “memória-envelope”,<sup>12</sup> toda a seqüência significativa de palavras implicada nos vários idiomatismos (1976: 5). Para ele, essa armazenagem se faz de forma gradual e constante, especialmente na primeira infância, intimamente vinculada aos contextos situacionais nas quais tais expressões se manifestam. Como se vê, o pesquisador, sem abrir mão da hipótese isomórfica de Jespersen (1924), localiza uma “memória-envelope” que responde pela manifestação idiomática. Cabe atentar para o fato de que ele não apresenta, contudo, os fundamentos teóricos que assegurariam sua proposta. E mais: ele não esclarece por que haveria uma memória específica para os idiomatismos. De qualquer forma, Bolinger marca seu lugar na Idiomatologia pela proposta do “gradualismo”, inicialmente em “Collocations and Idiom”, in *Aspects of Language* (1975). Graus de fixidez são demonstrados em construções sintáticas, liberdade na substituição lexical e “especialização semântica” de frases.

Cabe colocar em relevo que a linha de investigação proposta por Jespersen e assumida - integral ou parcialmente - pelos autores acima comentados, inclusive não podendo deixar de citar Fillmore (1979), rompe, no âmbito mesmo do modelo semântico jesperseniano, com o “princípio da composicionalidade”, o qual, conforme Katz (1972: 35), concebe que o significado de uma expressão resulta da combinatória dos significados de suas partes constituintes. Fillmore tem o mérito, a meu ver, de chamar a atenção para a extrema simplificação da capacidade de entendimento do falante/ouvinte da língua prevista no âmbito do modelo jesperseniano: bastaria que se memorizassem as frases-feitas ouvidas durante a vida, para depois ir inserindo-as na fala, o que facilitaria a enunciação verbal. Lakoff (1987: 448), por sua vez, foi um dos primeiros pesquisadores americanos a postular que os idiomatismos geralmente se comportam como “signos motivados”. Isso equivale a dizer que, para esse autor, eles são semanticamente transparentes para aquele que os utiliza e costumam refletir (ou apoiar-se em)

---

(Bolinger, 1976: 3) (tradução minha).

<sup>12</sup> “Enveloping memory” (Bolinger, 1976: 1).

alguma “realidade do entorno”. Note-se que há um forte apelo pragmático em suas considerações, o que obriga reconhecer uma posição alternativa ao modelo clássico semântico. Sua hipótese coloca em cena uma relação direta entre coisas do mundo e palavras, sem abalar a da fixidez do significado. O “motivado”, aí, diz da determinação externa (situacional) da linguagem.

Para finalizar esta retrospectiva, gostaria de assinalar que há *dois movimentos em curso* na cena atual dos estudos idiomáticos: o *primeiro* diz de uma adesão dos estudos ao cognitivismo. Duas novas propostas reclamam para si tal filiação, quais sejam: 1ª) a da “Desautomatização idiomática” [com uma grande produção sobre o “*défigement sémantique*”]<sup>13</sup>, ou uma nova versão do modelo cognitivista relativamente ao discurso; 2ª) a da Fraseologia Cognitivista<sup>14</sup>, por influência da teoria cognitivista da metáfora, exposta em *Metaphors we live by*, livro de Lakoff & Johnson, de 1980/1992, a teoria mais em voga nos EUA. Esta última toma como ponto de partida que, na criação idiomática, intervêm tanto conceptualizações de carácter universal - já que se baseiam em determinações biológicas e psicológicas - como de carácter particular, com base em elementos culturais particulares a uma sociedade.

O *segundo* movimento em curso na cena atual dos estudos idiomáticos diz respeito ao fato de que atualmente há um forte debate no campo relativamente ao recorte deste objeto - o idiomatismo - e sua pertinência (ou não) ao campo da Linguística ou, mais especificamente, a suas subáreas. Reivindica-se não mais o abarcamento do idiomático/fraseológico pela Lexicologia/Fraseologia, mas situá-lo num outro domínio autônomo de investigação, correspondente a uma nova área do conhecimento, alegando-se terem os fraseologismos especificidades próprias. Resta, contudo, uma questão: a de se saber se essas especificidades seriam suficientes para tal cisão - cisão essa pretendida pela investigação fraseológica russa, apoiada por uma parte dos

<sup>13</sup> Alguns trabalhos nessa direção são, por exemplo, os de: Ben Amor (2004); Alouini (2004); Bolly (2004).

<sup>14</sup> Alguns trabalhos nessa direção são, por exemplo, os de: Baranov e Dobrovol'skij (1999); Luque Durán e Manjón Pozas (1998); Pamies (2002); *Csábi* (2002); Mellado (2005).

lingüistas alemães (cf. Klare, 1986). De outro lado, o pertencimento da Fraseologia à Lexicologia tem seus adeptos. Klare (1986) ressalta o fato de que os fraseologismos têm uma “função denominativa”, como simples palavras e, como tal, devem continuar alocados no léxico, o que é ratificado por muitos pesquisadores alemães, para os quais a Fraseologia não deve ser separada da Lexicologia.

Ao que parece, o modelo dominante que movimenta tal desejo de cisão é o do cognitivismo norte-americano. A meu ver, isso se deve fundamentalmente ao fato de que foi no seu interior que se reconheceu que, no modelo semântico jesperseniano, há um problema no tratamento do idiomatismo, i.é, a abordagem dessas manifestações lingüísticas como se ninguém as falasse. Mas, como se viu, desse reconhecimento desdobrou-se outro: a difícil tarefa de incluir o falante na problematização sobre a fala. Dificuldade tão extrema que se chega a pensar que, apenas no âmbito de uma outra ciência - que não a Lingüística -, é que se poderia tomá-la como proposição problemática.

## 2. IDIOMATISMO: UMA QUESTÃO PARA A ÁREA DA LINGÜÍSTICA

A afirmativa contida neste subtítulo diz da hipótese que movimento: a de que as manifestações idiomáticas são manifestações lingüísticas e, como tal, reclamam lugar no campo de investigação da Lingüística. Se levarmos em conta a retrospectiva aqui realizada, verificamos que o idiomatismo não alcançou, de fato, a dignidade de objeto privilegiado de investigação. Isso porque, no modelo semântico jesperseniano, ele comparece, na maior parte das vezes, como contraponto às análises - semânticas, sintáticas -, i.é, como argumento contrastivo<sup>15</sup>; e, no modelo do cognitivismo, ele serve apenas para indicar o submetimento da linguagem à cognição, o que deixa em descoberto sua marginalização. Interessante é que, mesmo nesses modos enviesados de abordagem, algumas questões relevantes foram, a partir deles, suscitadas. Entre elas, figuram principalmente a sustentabilidade (ou não) de uma *con-*

<sup>15</sup> Referências a idiomatismos nessa função de argumento contrastivo ou ‘testemunho’ a favor de hipóteses aplicadas a outro fato da língua podem ser encontradas em Katz (1972: 35), Lehrer (1974: 185), Palmer (1976: 98-9), Chomsky (1981: 114-6), Carlson & Roeper (1981: 155), Lemle (1984: 106; 146-7).

*cepção binária do signo lingüístico* - que envolve simetria e fixidez do significado - e considerações iniciais sobre a necessária *inclusão do falante* no âmbito desta reflexão. Se a circunscrição da primeira já produziu um abalo relativamente ao seu estatuto no campo dos estudos lingüísticos, mais especificamente no modelo semântico jesperseniano, a segunda suscitou um almejado movimento de ruptura com a Lingüística, por meio da tendência que se intitula de “Défigement sémantique”, pela linha cognitivista da Fraseologia e também pelo desejo de autonomização recentemente acentuado por áreas conexas como a Idiomatologia, a Fraseologia e a Paremiologia. Entretanto, se levarmos em conta a noção de signo introduzida por Saussure na teoria do valor, talvez possamos trazer uma nova luz à problematização sobre os idiomatismos. Isso porque é nesse espaço conceitual que se processa uma ruptura com uma concepção ideacional de signo e, como afirma Túlio de Mauro, encontra-se uma “chave” para a discussão que envolve a *relação língua-fala-falante*, conforme seus dizeres:

A concepção saussuriana de língua como sistema idiossincrônico, em conexão com a distinção entre execução e sistema, não só não se opõe ao estudo sincrônico, mas lhe confere uma base rigorosa. Vale a pena acrescentar que essa mesma concepção de língua [...] permite esclarecer outros problemas [...]; a nosso ver, sem dúvida, Saussure dá a chave para reconhecê-los corretamente (1916/1993: 36).

Se Saussure não inclui no rol de suas reflexões a *articulação língua-fala-falante*, insiste, porém, que “os indivíduos, em larga medida, não têm consciência das leis das línguas” (1916/1970: 87). Note-se que tal afirmação abre um campo de questões para os investigadores que, como eu, têm como objetivo discutir a *fala viva*. Portanto, na perspectiva instaurada por Saussure, a meu ver, configura-se um espaço que se oferece como alternativa à reflexão sobre os idiomatismos - manifestações lingüísticas - e os efeitos de sua ocorrência para os falantes de uma língua. É essa a discussão que ora encaminho. Falar em “unidade” exige que se leve em consideração a complexidade dessa questão, o embaraço de delimitação e de escopo, se aplicada à investigação sobre o *idiomatismo* que, como já disse, pode referir fenômenos lingüísticos diversos.

Esclareço, de saída, que idiomatismo diz respeito, neste trabalho, a “frases-feitas predicativas”, na forma de um predicado estendido, à maneira de Rothstein (1982)<sup>16</sup>. Não se pode falar em “unidade lingüística” sem antes recorrer a Saussure<sup>17</sup>, lingüista que afirma sua essencialidade e, a um só tempo, problematiza-a. Cumpre notar que, no *Curso*<sup>18</sup>, a proposição de que a língua seja constituída de *unidades em-si* é completamente subvertida. Como se sabe, a construção teórica saussuriana parte de uma inovadora teoria sobre o signo, na qual ele é concebido estruturalmente, a partir de uma ruptura com a concepção tradicional filosófica, que via a unidade lingüística como uma associação axiomática: conceito-objeto. O gesto saussureano representa, portanto, cf. Milner (2002), a recusa da inquestionada relação assimétrica entre esses dois pólos. O conceito saussureano de signo lingüístico traz à luz a proposição de que o vínculo associativo entre imagem acústica e conceito é, ao contrário, simétrico. Isso equivale a dizer que, ao mesmo tempo, os elementos colocados em relação - que passaram a ser nomeados “significante” e “significado”, respectivamente - pertencem a um mesmo domínio e se constituem reciprocamente. É importante notar, como o fez Milner (2002), que esses “novos” termos indicam muito mais que uma mera mudança terminológica. O que está em jogo, de fato, é uma mudança conceitual que se funda na idéia de que a associação entre eles remete a um encontro contingente, tema da postulada arbitrariedade do signo. Essa novidade é encaminhada por Saussure no sentido de que ele nos dá a chave para que se enfrentem os embaraços que se impõem à delimitação de unidades lingüísticas: atentar para o “jogo” no qual elas são constituídas. Note-se que sua insistência

<sup>16</sup> O que engloba *SVs*-Sintagmas Verbais como: *botar a boca no mundo, estar numa saia justa*; *SNs*-Sintagmas Nominiais como *sapo engolido, degustação de sapos*; ou *SPs*-Sintagmas Preposicionados como: *de mala e cuia, com um pé nas costas* (cf. discussão em dissertação de mestrado já citada).

<sup>17</sup> Fala-se, aqui, do Saussure do *Curso* (1916; *apud* 1970), para quem o princípio da unidade lingüística funda a prática do estudioso da língua, nas operações de comutação, de comparação etc.

<sup>18</sup> Relembre-se que *Curso* é o *Curso de Lingüística Geral*, publicado em 1916, *post-mortem* de seu autor, Ferdinand de Saussure, e organizado por dois discípulos seus, Bailly e Sechehaye.

recai no “jogo”, explicitado aqui como o modo de operar da língua. Ponto que, sem dúvida, interessa à questão idiomática, abordada neste estudo. Basta considerar que os idiomatismos sejam “unidades maiores que palavras”, ou “mais complexas”, que relacionam significantes e significados de modo bastante singular. Cumpre indagar: seriam os idiomatismos efeito/produto do mesmo tipo de relações que as demais unidades ditas produtivas da língua? Embora Milner (1987) diga que as relações saussureanas sejam limitadas, no sentido de não dar conta de fatos lingüísticos de natureza não-linear (caso de unidades complexas, como as idiomáticas), consideramos neste trabalho que, como primeiro passo, talvez seja essencial estudar os idiomatismos no jogo de suas relações (sintagmáticas e associativas), tal como Saussure o sugere em relação a todos os elementos da língua; abordá-los menos pelo lado da “substância”, ou do “em-si mesmo” e mais no jogo da língua, na relação com os outros termos. Para tal, é bom lembrar que Saussure, ao nomear as leis universais desse jogo “sincrônico” de funcionamento de toda ou qualquer língua, recorre aos termos latinos: *in praesentia* e *in absentia*, para diferenciar esses dois tipos de relações de natureza radicalmente distinta. Assumindo tal direção na investigação acerca dos idiomatismos, entendendo que não se poderia deixar de recorrer, no interior do Estruturalismo europeu, também a Jakobson (1969), que, na verdade, deu explicitamente um passo além de Saussure, no sentido de “ver a língua na fala”<sup>19</sup>. Esse dizer nos leva a pensar que Jakobson foi além, porque pôde ver o como se orquestram os eixos sintagmático e paradigmático na fala, ao rebatizá-los de metafóricos (ou da ordem do sistema) e metonímicos” (da ordem do sintagma). De fato, Jakobson tomará a oposição metáfora e metonímia como base para ler discursos/falas - da criança, do afásico, do poeta etc. -, levando em conta a predominância de um ou outro mecanismo lingüístico. As colocações de Jakobson (1969) podem ser estendidas, a meu ver, para os “agrupamentos sintagmáticos”, em que exemplares são os idiomatismos. Como já disse, o idioma-

<sup>19</sup> Cf. expressão de Lier-De Vitto, em curso ministrado no 2º sem.1997, na PUC-SP.

tismo desloca o que habitualmente se toma como unidade de significado, subverte o espessamento de sentido de uma determinada forma. Pelo contrário, traz novos efeitos de sentido, aponta para o cruzamento de cadeias, para o jogo da língua sobre a linguagem em que os significantes ressoam uns sobre os outros. Tomo como exemplo o citado idiomatismo *bater as botas*, ao substituir “morrer” (em: “O coitado (do colono) *bateu as botas*, tão novo!”). Ocupando seu lugar na cadeia significante, mantém co-presente o significante não-idiomático - que pode se instanciar numa ocorrência como: “O coitado (do colono) *bateu as botas* carregadas de barro” -, escondido em sua conexão metonímica com o resto da cadeia. O que quero assinalar é que uma sentença traz a outra e o processo metonímico acontece pela contigüidade de significantes. Conseqüentemente, duas articulações significantes diferentes, que contenham elementos similares (em uma, a composição é idiomática e em outra, não), levam a efeitos diferentes de sentido e levantam questões sobre a “unidade”. No caso do idiomatismo *botar a boca no mundo*, o interessante a observar não está apenas na peculiaridade lexical, ou na combinação solidária dos termos, ou na seqüência de imagens que possam evocar, mas ao seu efeito final, ao ser reempregado, por exemplo, em uma frase como: “*Diante da impassividade da empresa, a senhora resolveu botar a boca no mundo: chamou o Procon e a imprensa para divulgação do ocorrido...*”. O significado idiomático seria obtido pela relação que estabelece com outros segmentos no interior mesmo do texto em que se insere (anteriormente a ele: *Diante da impassividade da empresa, a senhora resolveu...*, e ao que se segue a ele: *chamou o Procon e a imprensa para divulgação do ocorrido*). Note-se, portanto que, além dessa relação “em presença”, o valor dessa expressão advém também da relação “em ausência”, dentre outras, por exemplo, com a expressão cristalizada *botar a boca no trombone* que, aliás, poderia substituí-la na seqüência acima: “*Diante da impassividade da empresa, a senhora resolveu botar a boca no trombone: chamou o Procon e a imprensa para divulgação do ocorrido*”. No último enunciado, a expressão *botar a boca no trombone* é dita, como poderia sê-lo, por alguma dentre outras “formas de signifi-

car” (como *denunciar, exigir, gritar, denunciar, divulgar, proclamar aos quatro ventos, exigir seus direitos...*), e tal ocorrência se deu não especificamente em função de tais palavras, mas sobre cadeias/textos que elas carregam. Percebe-se a conversibilidade de tal expressão no seguinte exemplo: “*Mal o intérprete botou a boca no trombone, ouviu-se uma grande salva de palmas, acompanhada de assobios e outras manifestações de entusiasmo*”. Esses exemplos mostram bem a relação de dependência à cadeia/texto e também iluminam o jogo da língua na sua determinação, isto é, das leis de referência interna da linguagem – os usos metafórico e metonímico em operação. Ou dito de outro modo: o processo metafórico opera relações entre cadeias/textos latentes e manifestos. Em vez de ‘denunciar’, é *botar a boca no trombone* que ocupa posição na cadeia manifesta e é lida por ‘denunciar’ (e elementos correlatos). Mas a relação que se estabelece com os outros elementos da cadeia produz um sentido particular, embora *denunciar, gritar, exigir, botar a boca no trombone, botar a boca no mundo* partilhem algo em comum. Esse muito mais que Aristóteles e outros filósofos chamavam de “energia”, algo que extrapola o significado referencial ou conceitual da linguagem e opera relações outras, uma transfusão significativa que, num texto, dada uma certa alocação posicional, faz com que ‘denunciar’ seja lido como *botar a boca no trombone* (no sentido idiomático), e desvie ou abafe/desautorize o efeito não-idiomático dessa composição. É interessante observar que há um âmbito espacial implicado no processo de metaforização: a forma verbal ‘denunciar’ joga seu papel enquanto ausente/presente na produção do valor metafórico de *botar a boca no trombone*. Isso parece mostrar que não se ultrapassam categorias gramaticais, nem categorias sintáticas. Dizendo talvez de forma melhor: ‘denunciar’ ocupa a mesma posição sintática ou o mesmo lugar na cadeia que *botar a boca no trombone*. O processo de metaforização/ metonimização que traduz o processo de resignificação depende, pois, de posições na cadeia. Ou seja, a relação entre *botar a boca no trombone* e ‘denunciar’ expõe sua equivalência posicional, como base do funcionamento metafórico. Há, portanto, restrições lingüísticas para que uma “montagem” possa ser lida/

interpretada como “idiomática”. E é no texto que a forma verbal idiomática é significada, ou seja, é acolhida numa cadeia, em que *Botar a boca no trombone* ocupa posição que faz dela um “idiomatismo”, ou seja, em que é cristalizada como “unidade” idiomática. Dito de outro modo, o “idiomatismo” ganha o estatuto de “unidade-sintagma”, porque submetido a restrições lingüístico-discursivas. Portanto, enquanto unidade complexa, há que se considerar também que suas partes entram em jogo. E como isso poderia se dar? - talvez se possa dizer que um segmento idiomático migra (*sapos*, que evoca *engolir sapos*), formando uma nova cadeia discursiva (por nominalização) > “Que bela degustação de *sapos!*”; - ou então que um segmento se fixa (numa função de ancoragem sintática) para que outro se movimente. Ex.: *a boca em* permanece fixo e os demais constituintes são livres para modificarem-se: *Botar / Pôr / Meter / Enfiar / Estar com a boca no mundo / no trombone / no inferno / na maçã...* Um jogo que traz à discussão, por exemplo, o espelhamento entre estruturas – o paralelismo – como apontou Jakobson (1969), ao abordar a composição poética; nele, vê-se a montagem/desmontagem do idiomatismo. Alguns termos, nesse último idiomatismo, funcionariam como um eixo discursivo fixo (suporte da significação): ...’*a boca em*’ ..., em torno do qual gravitam alguns outros termos relativamente variáveis: - uns que mantêm a unidade idiomática, enquanto fala advinda de outras cadeias discursivas anônimas (*pôr/botar/meter/colocar; no mundo/no trombone*); - outros termos que fazem perder a idiomaticidade (como: *na maçã*, em: *pôr a boca na maçã*). No caso dos idiomatismos, similarmente a qualquer outro enunciado não-idiomático da língua, certas “organizações-reorganizações” se fazem, pois, “em ausência”, ou seja, a presença de uma forma impede a presença manifesta da outra; ou se diz “*botar a boca no mundo*”, ou se diz “*meter a boca no trombone*”. Por outro lado, embora tais formas idiomáticas possam ser ditas, por muitas pessoas, como “congeladas/cristalizadas” ou de repetição, a cena a que referem é que promove a diferença. Cada forma idiomática ganha seu sentido específico no momento de sua emergência, tal qual qualquer unidade lingüística. Note-se, ainda, que mesmo se

abordando a unidade idiomática *per se*, é na cadeia/texto que seu valor será definido: *botar a boca na maçã* (sentido não-idiomático); *botar a boca no trombone* (sentido não-idiomático); *botar a boca no trombone* (no sentido idiomático). Assim sendo, a unidade idiomática está submetida à resignificação que se mostra como um processo, na língua, que não cessa e não se detém; o idiomatismo não é um “fora da língua”; está governado pelas suas leis de referência interna. De fato, Davidson tem uma frase sobre a metáfora que se aplica muito bem aos idiomatismos: “[a metáfora] percorre as mesmas trilhas lingüísticas das sentenças mais comuns” (1992: 47)<sup>20</sup>. O idiomatismo permite, portanto, pensar sobre o funcionamento<sup>21</sup> da linguagem, até porque, por constituir uma estrutura que se assume como cristalizada, pode, se trabalhada por outra ótica, deixar ver deslizamentos de sentido, pode iluminar o jogo da linguagem sobre a linguagem, as operações metafóricas e metonímicas que o determinam e o dissolvem, como procurei brevemente mostrar. Como se viu, abstraem-se, nos casos discutidos, os elementos particulares carregados em cada texto, para salientar um elemento geral, o traço que há em comum entre as estruturas. O texto fixa o singular dessas expressões intercambiáveis, mas não anula a correlação – daí, que todos os termos latentes podem lê-lo, assim como substituí-lo. É por essa razão que a metaforização “por semelhança” contém um processo que produz diferença: a cada substituição tem-se um efeito particular que o sujeito reconhece. O idiomatismo fala, mas para dizer outra coisa. De fato, quando alguém diz: “o coitado *bateu (com) as botas*”, o falante não está simplesmente substituindo um significante por outro, nem fazendo uma mera transferência de denominação do fato ocorrido. O idiomatismo tem a singularidade de dar lugar a que o falante – ainda que nem se dê conta disso – posicione-se a respeito de alguém ou de um fato comentado na sua própria con-

<sup>20</sup> Davidson (1992); *in*: Sacks (1992: 47).

<sup>21</sup> Nesse sentido, pode-se dizer que o presente trabalho objetiva não apenas “reconstituir” o objeto idiomático, de forma a fazer emergir, nessa reconstituição, as regras de funcionamento (as funções) desse objeto. Objetiva, antes que tudo, recuperar o falante no discurso (o sujeito assujeitado à ordem simbólica, mas que não deixa de emergir como efeito dessa ordem).

textura ou tecido verbal. É preciso, então, considerar que, ao enunciar um idiomatismo, o falante tem, em seu ouvinte, alguém que pode ficar sob efeito, que vai ser afetado por sua fala - a ‘montagem’ idiomática que se institui numa cadeia “comunica” mais do que é colocado às unidades/signo que nela se apresentam. Nessas “montagens” parece que os elementos funcionam como significantes que ganham sentido das articulações textuais em que se inserem ou que, como unidades particulares, evocam (no falante e no ouvinte).

Rever os idiomatismos à luz das lições de Saussure e Jakobson (1969) - dos processos universais de funcionamento verbal: metafóricos e metonímicos - é, como se vê, o caminho que se me apresentou primeiramente como aquele a seguir neste trabalho. Entretanto, Milner (2002) encaminha uma reflexão no sentido de levar às últimas conseqüências a proposta jakobsoniana de projeção da metáfora sobre a metonímia, o que, segundo ele, leva à proposição de uma concepção unidimensional de estrutura. Isso porque, para ele, “os termos paradigmáticos estão na seqüência sintagmática *in praesentia*” (Milner, 2002: 156).<sup>22</sup>

Se no *Curso*, o paradigmático é o sintagmático possível, como diz Milner, tal se assenta na hipótese de um sintagmático atual (“em ato” ou “*in vivo*”). A noção de cadeia ganha aqui precisão, ao referir-se a essa estrutura unidimensional e *in praesentia* apresentada por Milner (2002). Essa novidade se desdobra noutra e ela diz respeito ao modo como o “significante” passa a ser concebido: a meu ver, Milner quer dizer que, dissolvendo a simetria, tematiza-se “[...] explicitamente sua forma ativa, devolvendo-lhe seu alcance próprio [...] erige em conceito o significante como ‘ação pura’” (2002: 159).<sup>23</sup> Portanto, o significante se projetou nesta linha (linearidade) que é a cadeia (estrutura mínima) e a cadeia como linha projeta-se sobre este ponto que é o significante. Isso apaga a diferença hierárquica entre elemento e estrutura. É bom lembrar, entretanto, que essa hipótese não abdica da noção de dis-

<sup>22</sup> “[...] les termes paradigmatiques sont dans la séquence syntagmatique *in praesentia*.” (Milner, 2002: 156) (tradução minha).

<sup>23</sup> “[...] thématise explicitement la forme active: il rend à celle-ci sa portée propre; [...] il erige en concept le signifiant comme “action pure”. (Milner, 2002: 159) (tradução minha).

tintividade como constitutiva da estrutura. O que está em causa é o seguinte:

“[...] o sistema, quer dizer, a estrutura, determina os traços de seus elementos: ação da estrutura. De outro lado, os elementos não são outra coisa senão a estrutura; o fonema distintivo cumpre ativamente as distinções que a articulam, do mesmo modo que a estrutura constitui ativamente os traços de seus fonemas” (Milner, 2002: 161)<sup>24</sup>

A seguir, encaminho uma discussão na qual se verão ecos dessas proposições. Meu trabalho parte, ainda, de um reconhecimento, qual seja: é necessário abordar a complexa *relação língua-fala-falante*. É o que me proponho fazer adiante.

### 3. UMA LEITURA DE FALAS IDIOMÁTICAS

Trago, agora, apenas alguns segmentos de fala, analisados à luz da problematização sobre a complexa questão da “unidade lingüística”, procurando discutir também o modo de *relação língua/linguagem/falante*. Ou seja, tento levantar algumas das relações mútuas entre enunciados não-idiomáticos e enunciados idiomáticos e sua manifestação e efeitos singulares. A pergunta que antecede esta análise é: O que o campo da Lingüística, na perspectiva instaurada pelo estruturalismo europeu e seus desdobramentos, pode dizer sobre os idiomatismos para além do que já se disse na Fraseologia/Idiomatologia? Início, então, a tarefa de interpretá-los trazendo para o palco de discussão as falas de comentaristas da mídia que, diga-se de passagem, usam e abusam de idiomatismos com os mais variados efeitos de sentido, envolvendo artifícios de várias ordens: **Episódio 1:** Em “*Vacas magras e gordas*”, o jornalista Joelmir Betting focaliza o uso da logística na organização do segmento de transporte. Transcrevo, a seguir, um fragmento do seu texto no qual há ocorrência de idiomatismo:

---

<sup>24</sup> “[...] le système, c’est à dire, la structure, détermine les traits de ses éléments: action de la structure. En retour, les éléments ne sont rien d’autre que la structure; le phonème distinctif accomplit activement les distinctions qui articulent la structure, tout autant que la structure constitue activement les traits de ses phonèmes”. (Milner, 2002: 161) (tradução minha).

*Vacas magras e gordas*. Ajuda a evitar a falsa oferta aparente de mercado. O regime de liberdade de preços ocorre atualmente... O caminho é conviver com seus colegas e seus competidores para fortalecer o segmento, que enfrenta *vacas magras e vacas gordas*. O empresário precisa fazer reserva *no período das vacas gordas* para enfrentar *as vacas magras*, que infelizmente no Brasil têm sido mais longas<sup>25</sup>.

O sintagma nominal “*Vacas magras e gordas*”, constitutivo do título, vai colocar em cena idiomática, a do universo rural, um tema de ordem econômica, sendo uma expressão conhecida de qualquer leitor. Se se pode dizer que, a princípio, o título de qualquer texto funciona como algo que antecipa a discussão que será encaminhada, cabe assinalar que, nesse caso, por ser título e por ser uma expressão idiomática conhecida, parece se poder dizer aí de um reforço de uma leitura idiomática do texto desde o início. Na verdade, no decurso do texto é que se vai decidir por uma leitura ou outra, mas a primeira leitura, anterior à do texto, é idiomática. Isso significa que o efeito de sentido da composição significante manifesta em “*vacas magras e gordas*” coincide com o do fluxo significante dessa fala/texto. É, então, “em ato” (*in praesentia*) que o sentido de “*vacas magras e gordas*” se constitui, de fato. Cumpre perguntar, também, que se a “forma de significar” dos idiomatismos “*vacas magras*” e “*vacas gordas*” implicasse uma noção de unidade, tal como ela comparece na Fraseologia/Idiomatologia (forma-significado fixos), seria possível, no segmento que dá título ao texto, a combinação de dois idiomatismos com apagamento de constituintes? A ocorrência de um tal segmento verbal como título, a meu ver, indica que mobilidade (na forma) é possível desde que o efeito de sentido produzido atualize aquele comumente vinculado a tais idiomatismos, o que não frustra no caso. A outra ocorrência no corpo do texto, a presença da articulação significante “*período das*” e sua conexão com “*vacas*” é a confirmação ao leitor de que sua leitura idiomática do título é adequada. A questão da mobilidade talvez se esclareça um pouco mais, se levarmos em conta o aforismo a seguir, citado em coluna

<sup>25</sup> BETING, Joelmir. “*Vacas magras e gordas*”. In: *NTC & Logística*. 19/04/2006. Cf. web site: [http://www.ntclogistica.org.br/noticias/materia\\_completa.asp?CodNoti=10722](http://www.ntclogistica.org.br/noticias/materia_completa.asp?CodNoti=10722).

jornalística cuja tônica é transcrever frases interessantes, emitidas por pessoas de renome: **Episódio 2:** “Vitória é *tempo de vacas gordas*; derrota, *de bodes expiatórios*”.<sup>26</sup> Como se vê, esse enunciado se realiza tendo como base a coordenação sintagmática de dois idiomatismos, postos aí em oposição. Equivale dizer que tal coordenação é conseqüente à da oposição “vitória/derrota” e, por isso, produz um efeito surpreendente na medida em que comporta - para o ouvinte/leitor - uma antecipação malograda já que “*tempo de vacas gordas*” convoca metonimicamente, por oposição, “*tempo de vacas magras*”. Mas, o que faz presença na seqüência é “[*tempo de bodes expiatórios*” e o intérprete é inserido, então, num outro fluxo significante. Interessante é que não barra a significação a irrupção de outra “forma de significar”, que não a oposta da primeira. Talvez se deva ter em consideração que, nesse cruzamento manifesto, interpõe-se uma conexão metonímica. O encontro contingente dessas redes significantes produz um sentido que não coincide propriamente com aquele colocado em jogo pela oposição “vacas gordas”/“vacas magras” mas que o ultrapassa. Vejamos como isso se realiza no enunciado acima: - em vez de ‘um período favorável’, tem-se *tempo de vacas gordas*; - em vez de ‘um período desfavorável’ ou seu equivalente idiomático *tempo de vacas magras*, tem-se [*tempo de*] *bodes expiatórios*. O que esse segmento de fala introduz é a possibilidade de intercambiar “vacas magras” por “bodes expiatórios”, equivalência estrutural que descongela a oposição metafórica “vacas magras” e “vacas gordas”. Nessa dinâmica, o que está em jogo, como se vê, não é a substituição vaca à bode e/ou magra à expiatório. Constatação que nos obriga a retomar a questão da unidade no âmbito dos ditos “idiomatismos”. Note-se que eles não se comportam de outra forma que não aquela que a língua impõe: submeter-se ao jogo das relações. Entretanto, pelo que já foi dito até aqui, eles parecem comportar sempre um “duplo sentido”. Isso significa que eles dizem algo para dizer outra coisa. Note-se, mais uma vez, que o deslocamento de sentido

<sup>26</sup> Aforismo de Roberto DaMatta, antropólogo, 12/07/2006. *Apud*: BETING, Joelmir. *cabeças & sentenças - frases e reflexões*. Cf. web site: <http://www.joelmirbeting.com.br/noticias1.asp?IDgNews=5>.

está em jogo nas ocorrências de fala referidas por "idiomatismos", inclusive com efeitos diversos como o jocoso que se pode verificar na ocorrência a seguir, na fala cotidiana, em situação dialógica entre adultos: **Episódio 3:** Uma professora diz a um grupo de colegas numa reunião de trabalho: "E eu que *fiquei numa saia curta!*" (imediatamente todos, menos a professora, caem na risada). Dois pontos merecem atenção nesse enunciado. O primeiro é o efeito de comicidade produzido pela fala da professora, na qual "*saia curta*" manifesta-se como substituto de "*saia justa*". É preciso considerar que os termos *justa/curta* têm uma grande afinidade sonora, a ponto de ambos constituírem como que um paralelismo de formas, numa associação muito sugestiva, em que o resultado do deslocamento transforma-se num "dito espirituoso" (um "bon mot", um "mot d'esprit"). Efeito que, diga-se de passagem, não foi imediatamente reconhecido por quem o proferiu, a não ser depois do riso dos colegas: outro ponto a ser considerado aqui já que o embaralhamento sonoro não parecer responder, sozinho, pelo equívoco que aqui se manifestou. Quero dizer com isso que *alguém* se apresenta na cadeia significante e o equívoco tem a ver com esse modo de fazer presença, mesmo quando esse alguém não se dá conta disso. A pergunta que fica para nós é esta: como a Linguística pode explicar isso? Por ora, apenas constatar a pertinência de tais pontuações e ratificar que esse *alguém* que se apresenta na fala - mais especificamente, nas ditas "falas idiomáticas" - não é senhor da palavra e origem do sentido, mas o que ele diz, diz dele. No equívoco manifesto nesse episódio 3 isso se configura como hipótese possível. Se, de um lado, a presença de "saia" sustenta a idiomaticidade de "curta", de outro lado, esse acontecimento indica o quanto os idiomatismos estão sujeitos às operações de montagem/desmontagem das articulações significantes. Interessante que, nesse episódio, tais operações estão intrinsecamente atreladas a uma *determinada presença* na fala. Não é sem razão que se pode recolher daqui a hipótese lançada por Saussure de que na língua não há uma dimensão que comporte a noção de "idêntico a si", ou como afirma Milner, toda a locução "suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas

conversações” (1987: 13). Nessa perspectiva, reconhece-se o equívoco como constitutivo de qualquer dizer. Nos ditos idiomatismos, isso parece ganhar maior nitidez, como já assinalei anteriormente. Para finalizar esta parte, talvez valha a pena considerar que o destino que a seqüência aí criada ganhará no português falado no Brasil é imprevisível: outro ponto que nos obriga a considerar que os idiomatismos submetem-se à mesma dinâmica imposta a qualquer outro elemento da língua.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que a leitura que ofereço de manifestações idiomáticas possa indicar meu distanciamento relativamente ao modo como a problemática suscitada por elas tem sido tratada no âmbito da Idiomatologia/Fraseologia, cf. o aqui discutido. Esse possível distanciamento tem relação com a discussão que encaminhei inicialmente, ou seja, com a necessária inclusão de uma noção de língua enquanto funcionamento universal e os desdobramentos de tal postulação no âmbito mesmo da Lingüística. Foi esse o ponto de partida para abordar a complexa questão da “unidade” que circula desproblematizada nos estudos antes referidos. Entendi, inicialmente, que não seria possível encaminhar uma reflexão que contemplasse o que, mesmo nesses estudos, já se atestava: que o efeito de sentido produzido por tais acontecimentos lingüísticos não resultava da combinatória de sentidos de seus elementos constituintes, tomados como um “em-si”. De fato, reconheceu-se muito antes que um terceiro se produzia no encontro de um ou mais termos. Contudo, o problema esteve em que se tomou a combinatória entre eles como um “em-si”. Note-se que a abordagem é a mesma daquela que coloca em cena a relação fixa entre uma forma verbal e um sentido, com o acréscimo de que essa forma poderia ter uma extensão maior que a palavra. Assim, constituiu-se um eixo norteador - não questionado - para as mais diferentes propostas de tratamento teórico dos idiomatismos, mesmo no interior de tendências apenas descritivas que, por períodos inteiros, têm dominado o campo da Idiomatologia/Fraseologia. Esse meu ponto de partida possibilitou, também, fazer um outro movimento

que não propriamente o das pesquisas reunidas no campo acima referido, qual seja: incluir a fala e, conseqüentemente, o falante, no rol de minhas proposições problemáticas. Digo isso porque, de um lado, não me deixei levar pelo impulso de “analisar” uma fala apenas para fazer operar um aparato descritivo ou taxonômico: meu objetivo não poderia ser meramente aplicativo. Assim, não pude me furtar de discutir a oposição entre o universal e as particularidades que se verificam em um episódio verbal (escrito ou oral), com a presença de manifestações idiomáticas. A análise me deixou ver que os idiomatismos são mesmo um fato de língua, ou seja, que eles resultam de um jogo combinatório no qual seu efeito de unidade se configura. Ora, o que estou dizendo é que o que recolhi dos episódios analisados é que eles se delimitam no fluxo da fala “em ato”. Isso significa que não se pode propriamente prever seu sentido antes que ele se atualize numa determinada fala, oral ou escrita. Oponho-me, portanto, à idéia de que os idiomatismos comportariam um sentido fixo ou uma fixidez sintática. O que se viu nos dados foi bem outra coisa: que eles também estão sujeitos a operações de composição/recomposição que renovam seu modo de fazer presença nos dizeres. Isso cabe mesmo levando em consideração que sentidos relativos a enunciados idiomáticos podem se estabilizar no uso, mas o que importa é que estabilização não é sinônimo de fixidez. Falei até o momento em favor da hipótese de que os idiomatismos se comportam como outras expressões quaisquer no sistema lingüístico. Minha investigação me indicou é que essas “formas de significar” comportam duplo sentido. A princípio, minha tendência foi tomar essa característica como diferencial dos outros elementos da língua. Mas, o que se me impôs foi reconhecer, como diz Milner, esse é mesmo o destino de todo o dizer. Ora, mas insiste para mim que os idiomatismos exibem uma diferença, uma extravagância que, me arrisco a dizer, vincula-se à sua natureza essencialmente metafórica e que, por sua vez, responde pela produção de um, muitas vezes, inesperado efeito significativo. No que diz respeito ao falante, a leitura de idiomatismos levou-me a um encontro incontornável: não parece mesmo tratar-se de um modo de presença, tal como tem sido

proposto no campo da Idiomatologia/Fraseologia quando, nesses estudos, faz-se referência a ele. Conforme a Introdução, o aporte cognitivista subsume a presença do sujeito epistêmico. Atestei, ao contrário, que é outro o sujeito que está em causa na fala. Como indiquei, ele não pode controlar o jogo combinatório da língua e, tampouco, os sentidos que emanam do fluxo significante de sua fala. Entendo que, neste momento, tenho que me restringir a tal constatação. Mas, reconheço aí uma questão instigante que, talvez, responda pela elaboração de trabalhos outros que, certamente, resultarão desse meu empreendimento atual.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, R. J. "Fixed expressions in English: a linguistic, psycholinguistic, sociolinguistic and didactic study". *Anglistik und Englischunterricht*, 6, 1978.
- ALEXANDER, R. J. "Phraseological and Pragmatic deficits in Advanced Learners of English: Problems of Vocabulary Learning?" *Die Neueren Sprachen*, 84:6, 1985: 613-21.
- ALOUINI, Jouda. «Séquences figées et variation paradigmatique. Les cas des structures du type droit + SP (ou adjectif)». *Europhras*, 2004 (no prelo). Cf. web site: <http://www.sprachwissenschaft.ch/europhras/Abstracts.pdf>;
- BEN AMOR, Thouraya. "Défigement sémantique et phraséologie". *Europhras*, 2004 (no prelo). Cf. web site: <http://www.sprachwissenschaft.ch/europhras/Abstracts.pdf>.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1902/1919.
- BARANOV, Anatolij N. e DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij O. «Idioms from a cognitive perspective.» *In: Moscow State University Bulletin* 19, 1, 1999: 64-75.
- BAR-HILLEL, Yehoshua. "Idioms" *In: LOCKE, W. N. and BOOTH, A. D. (eds.) Machine Translation of Language*. Cambridge, MA: M.I.T. Press, 1955: 183-93.
- BARZ, Irmhild. "Phraseologische Varianten: Begriff und Probleme". *In: FÖLDES, C. (ed.) Deutsche Phraseologie in Sprachsystem und Sprachverwendung*, Wien: Ed. Praesens, 1992: 25-47.
- BECKER-HO, Alice. *Les princes du jargon*. Paris: Gallimard, 1993.
- BOER, Charles de (1922) *Apud: CORPAS PASTOR, Glória* (1996: 9-14).
- BOLINGER, Dwight. "Meaning and Memory". *Forum Linguisticum* 1.1., Harvard: Harvard University, 1976: 1-14.

- BOLLY, Catherine. "Figement/défigement: un processus dynamique entre langue et discours". *Europhmas*, 2004 (no prelo).
- BURGER, Harald *et al.* *Handbuch der Phraseologie*. Berlin: De Gruyter, 1982.
- CACCIARI, Cristina; TABOSSI, Patrizia. "The Comprehension of Idioms". In: *Journal of Memory and Language*, 27, 1988: 668-83.
- CARLSON & ROEPER. "Morphology and Subcategorization". In: HOEKSTRA, Teun; VAN DER HULST, Harry and MOORTGAT, Michael (eds.) *Lexical Grammar*. Flores Publications, 1981: 369-78.
- CARNEADO MORÉ Zoina V. e TRISTÁ Pérez, Antonia Maria (dirs.). *Estudios de fraseología*. La Habana: Academia de Ciências de Cuba; 1985: 47-65. *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- CASARES, Julio. "Introducción a la lexicografía Moderna". *Revista de Filología Española Anejo LII*. Madrid, 1950/1992. *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 11).
- CHAFE, Wallace. "Idiomatcity as an anomaly in the Chomskyan Paradigm". *Foundations of Language*, 4, 1970: 109-25.
- CHOMSKY, Noam. *Regras e Representações*. Trad.: Marilda Winkler Averbug, Paulo Henriques Britto e Regina Bustamante. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1981.
- CORPAS PASTOR, Glória. "Fraseología e unidades". *Manual de fraseología española*, cap. 1, Madrid: Gredos, 1996: 9-14.
- CORPAS PASTOR, Glória. *Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*. Frankfurt am Main: Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2003.
- COSERIU, Eugenio (1981). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória. (1996: 9-14).
- CSÁBI, Szilvia. "Polysemous Words, Idioms and Conceptual Metaphors. Cognitive Linguistics and Lexicography". In: BRAASCH, Anna; POVLSEN, Claus. *Proceedings of the Tenth EURALEX International Congress. EURALEX 2002*, In: Copenhagen, Denmark: Center for Sprogteknologi, August 13-17, 2002: 249-54.
- DANLOS, Laurence. "La Morphosyntaxe des expressions figées". *Langages*, 63. Paris: Larousse, sept. 1981: 53-74.
- DAVIDSON, Donald. "O que as metáforas significam". *Apud*: SACKS, Sheldon. *Da Metáfora*. São Paulo: Educ/Pontes: 1992: 47.
- DE MAURO, Túlio. *Curso de Lingüística General*. BAILLY, Charles e SÉCHEHAYE, Albert de. Madrid: Alianza, 1916/1993.

- DE SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1916/1970).
- DOBROVOL'SKIĬ, Dmitrii. “Acerca de la equivalencia translingüística de los fraseologismos”. *Apud*: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método Ediciones, 2005.
- ECKERT, Rainer. “Aktuelle Probleme der Phraseologieforschung”. *In: Aktuelle Probleme der Phraseologie*. Lipsia: Universidade Karl Marx de Lipsia, 1976: 7 e segs. *Apud*: KLARE, Johannes (1976: 355-60).
- ENGLER, Rudolf (ed.) *Cours de Linguistique Générale*. Edição crítica em três volumes do CLG, de Ferdinand de Saussure. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1967.
- FILLMORE, Charles J. “On Fluency”. *In*: FILLMORE, Charles *et al.* (eds.) (1979) *Individual Differences in Language Ability and Language Behavior*. New York, Academic Press, Inc.: 1979: 85-101.
- FLEISCHER, Wolfgang. *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*. Lipsia, 1982: 10. *Apud*: KLARE, Johannes. (1986: 356).
- FRASER, Bruce. “Idioms within a transformational grammar”. *Foundations of Language*, 6.1, 1970: 122-42.
- GALISSON (1976; 1984). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- GRÉCIANO, Gertrud. “Phraséologie et Institutions européennes”. *In: Paremia* 8, 1999: 255- 60.
- GROSS, Gaston. «Les Expressions Figées en Français». Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, Gaston. «Degré de figement des noms composés», *Langages* 90, 1988.
- GROSS, Gaston. “Une classification des phrases “figées” du français”. *Revue Québécoise de linguistique*, 11-2, 1981: 151-85.
- GROSS, Maurice. «Les expressions figées: une description des expressions françaises et ses conséquences théoriques». *Rapport Technique* 8. Paris: LADL-Univ. Paris 7/CERIL, 1989.
- GROSS, Maurice. «Les nominalisations d'expressions figées». *Langue Française* 69, Paris: Larousse, 1986: 64-84.
- GROSS, Maurice. «Une classification des phrases ‘figées’ du français». *Revue Québécoise de Linguistique* 11-2. Montréal: UQAM, 1982: 151-85.
- GUIRAUD, Pierre. *Les locutions françaises*. Paris: PUF, 1954/1970: 76.
- HÄUSERMANN, J. (1977) *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 10).

- HAUSMANN (1979; 1997). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 10).
- HIGI-WYDLER, Melanie. “Zur Übersetzung von Idiomen“. *Eine Beschreibung und Klassifizierung deutscher Idiome und ihrer französischen Übersetzungen*. Bern/ Frankfurt//New York: Peter Lang, 1989 (Europäische Hochschulschriften, Reihe XIII: Französische Sprache und Literatur. 146). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- HUNDT, C. *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*, Wilhelmsfeld: Gottfried Egert Verlag, 1994.
- JAKOBSON, Roman Ossipovitch. “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. In: *Linguística e Comunicação*. Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. 6ª ed. São Paulo, SP: Cultrix/Edusp, 1969.
- JESPERSEN, Otto. *The Philosophy of Grammar*. London: Allen and Unwin, 1924/1965.
- KATZ, Jerrold, J. “Semantic theory’s model of a semantic component”. *Semantic Theory*. New York: Harper & Row Publishers Inc, 1972: 35-47.
- KAVKA, Stanislav. *A Book on Idiomaticity*. Žilina: EDIS, 1963.
- KLARE, Johannes. *Lexicologia e fraseologia no português moderno*. *Revista de Filologia Românica*, 4. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986: 355-60.
- LAHUD, Michel. “Alguns mistérios da Linguística”. *Almanaque, Caderno de Literatura e Ensaio*, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977: 30.
- LAKOFF, George. “Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind”. Chicago: University of Chicago, 1980/92.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LEMLE, Miriam. *Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 1984: 106; 146-7).
- LEHRER, Adrienne. “Selection Restrictions”. *Semantic Fields and Lexical Structure*. Amsterdam/London: North-Holland Publishing Company, 1974: 185-7.
- LODOVICI, Flamínia Manzano Moreira. *Os elementos constituintes dos idiomatismos no português do Brasil*. (dissertação de mestrado). São Paulo: PUC-SP, 1989.
- LOPES MACÁRIO, A. *Texto Proverbial Português*. Coimbra, Faculdade de Letras (tese de doutoramento), 1992.
- LUQUE DURAN, Juan de Dios e MANJÓN POZAS, Francisco José. “Fra-

- seología, metáfora y lenguaje taurino”. In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) *Léxico y Fraseología*. Granada: Método Ediciones, 1998: 43-70. Cf. web site: <http://ashda.ugr.es/laboratorio/tlt/tlt2/libros/fraseologia/luque.pdf>.
- MACHADO, José P. *Dicionário de Provérbios*. Lisboa: Editorial Notícias, 1996.
- MAKKAI, Adam. *Idiom Structure in English*. The Hague: Mouton, 1972.
- MARÇALO, Maria João. “Fraseologia e Paremiologia no ensino de Português Língua Materna e Português Língua Estrangeira: um estudo contrastivo”. Évora: Universidade de Évora, 1994. Cf. website: <http://www.fsch.unl.pt/edtl/verbetes/F/fraseologis.htm>.
- MARTINS-BALTAR, Michel (org.) *La locution en discours - Cahiers du français Contemporain*, vol. 2, Paris: Didier-Érudition, 1995.
- MARTINS-BALTAR, Michel (ed.) *La locution entre langue et usages*. Paris: Col. Signes, ÉNS Ed. Fontenay St. Cloud, 1997.
- MELLADO, Carmen. «Convergencias idiomáticas en alemán y español desde una perspectiva cognitivista». *Apud*: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método Ediciones, 2005.
- MEJRI, Salah. “La stéréotypie du corps dans la phraséologie. Approche contrastive”. In: BURGER, Harald; BUHOFER, Annelies Häcki; GRÉCIAÑO, Gertrud. “Phraseologie und Parömiologie, Band 14”. *Flut von Texten-vielfalt der Kulturen*. Essen: Schneider Verlag Hohengehren GmbH, 2003: 203-17.
- MILNER, Jean-Claude. *Le Périphe Structurel. Figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002.
- MILNER, Jean-Claude. *O Amor da Língua*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1987 (1ª ed.: 1978).
- MILITZ, Hans-Manfred (1978). *Apud*: Klare, Johannes (1986).
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953/1986.
- PALMER, F.R. “Idioms”. *Semantics. A New Outline*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976: 98-99.
- PAMIES Bertrán, Antonio. “L’interculturel et les universaux sémantiques - l’équivalence cognitive en traduction”. *Medzinarodna Vedecka Konferencia pri Prilez itosti 25 vyrocia zolozenia fakulty*; Ekonomicka Fakulta, University Mateja Bela v Banskej Bystrici. (CDRom). Colloque Intern.org. l’Université Matej Bel. Banska Bystrica, Slovaquie, 2002.

- PEREIRA DA SILVA, José. “**A origem das frases-feitas usadas por Drummond**—contribuições para sua história e etimologia”, 1985. Cf. web site: <http://filologia.org.br/pereira/textos/aorigemdafrase1.htm>.
- PRATT, Óscar. Locuções Petrificadas- Conjecturas e Apontamentos para o estudo da Fraseologia Portuguesa. Esposende: Tipografia Esposendense, Separata do vol. XXI da Revista do Minho, 1994.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Paris: Seuil, 1975.
- RODRIGUES LAPA, Manoel. *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1945/1979.
- ROTHSTEIN, Susan Deborah. *The syntactic forms of Predication* (tese de doutorado). Department of Linguistics and Philosophy at the Massachusetts Institute of Technology, 1983 (xerox).
- RUIZ GURILLO, L. *Aspectos de fraseología teórica española*. Cuadernos de Filología, Anejo XXIV, Valencia: Universitat de València, 1997/8.
- SCHEMAN, H. e SCHEMANN-DIAS. *Dicionário Idiomático português-alemão*. Braga: Livraria Cruz/Max Hueber Verlag, s/d. *Apud*: Klare (1986: 357).
- SECHEHAYE, Charles-Albert (1921) *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- TAGNIN, Stella E. O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. S. Paulo: USP-SP (tese de doutorado), 1987.
- THUN, Harald. *Probleme der Phraseologie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1978. *Apud*: KLARE (186: 356).
- XATARA, Cláudia Maria O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. S.J.Rio Preto, 2001 (tese de doutorado, mimeo).
- ZULUAGA, Alberto. *Introducción al Estudio de las Expresiones Fijas*. Frankfurt A.M./Bern /Cirencester-U.K.: Verlag Peter D. Lang, 1980.
- WEINREICH, Uriel. “Problems in the Analysis of Idioms”. In: PUHVEL, J. (ed.) *Substance and Structure of Language*. Berkeley-Los Angeles: U.of California Press, 1969: 23-81.
- WOTJAK, Gerd. “En torno a la traducción de unidades fraseológicas (con ejemplos tomados del español y el alemán”. *Linguistische Arbeitsberichte*, 40, 1983: 56-80.